

**DO “PRETO-FORRO” JOÃO GONÇALVES À “MORENA” FULÔ:
 Pretos, Negros, Mestiços e a Formação do Sertão da Ressaca**

*Washington Santos Nascimento**

RESUMO

Este artigo tem por propósito fazer uma discussão sobre o papel que “pretos”, negros e mestiços tiveram na formação do Sertão da Ressaca, hoje região de Vitória da Conquista, sudoeste do Estado da Bahia. Discute-se, especialmente, a importância do núcleo familiar formado a partir do “preto-forro” português João Gonçalves da Costa neste processo. Para tanto, faz-se uso de relatos de cronistas locais e de viajantes, de documentos eclesiásticos e cartoriais, como testamentos e processos cíveis.

Palavras-chave: Negros. Sertão da Ressaca. História.

RESUMEN

El artículo tiene como propósito hacer una discusión sobre el papel que “pretos”, negros y mestizos tuvieron en la formación del Sertão da Ressaca, hoy región de Vitória da Conquista, suroccidente del Estado de Bahia. Se discute especialmente la importancia del núcleo familiar formado a partir del “preto-forro” português João Gonçalves da Costa en este proceso. Para ello se hace uso de relatos de cronistas locales y de viajeros; de documentos eclesiásticos y notariales como testamentos y procesos civiles.

Palabras clave: Negros. Sertão da Ressaca. Historia.

ABSTRACT

This article discusses the role that “blacks”, negroes and mestiços played in the social formation of the hinterlands of Ressaca, currently the region of Vitória da Conquista, in the southwest of the state of Bahia (Brazil). Specifically, it examines the significance of the familiar nucleus formed around the Portuguese “preto-forro” João Gonçalves da Costa. To achieve this goal, the article analyses both local chronicler's and traveler's reports, in addition to religious and notary documents such as wills and civil judicial processes.

Keywords: Blacks. The Ressaca Hinterland (Sertão da Ressaca). History.

* Mestre em Ciências Sociais – Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: washingtonprof@gmail.com

A história de boa parte das cidades do sudoeste baiano (Vitória da Conquista, Planalto, Encruzilhada, Poções, Boa Nova e Manuel Vitorino) está ligada à formação e expansão do grupo familiar formado pelo “preto-forro” português João Gonçalves da Costa. Em fins do século XVIII¹, ele foi o primeiro preposto de Portugal a ocupar economicamente a região que em tempos remotos era denominada Sertão da Ressaca².

Segundo Maria Aparecida de Sousa (2001) e Isnara Ivo (2007), João Gonçalves provavelmente nasceu em 1720, na cidade de Chaves, em Trás-os-Montes, Portugal (SOUSA, 2001, p. 19; IVO, 2005). Era integrante do Terço de Henrique Dias, uma milícia organizada no início do século XVII, composta majoritariamente por negros e com o propósito de combater índios, quilombos e outros inimigos da Coroa Portuguesa. Segundo Hebe Matos (2006, p. 29), o Terço de Henrique Dias surgiu em Pernambuco, nos primeiros anos da guerra de resistência à ocupação holandesa, quando ele foi nomeado “Governador e Cabo de Crioulos, Negros e Mulatos do Brasil”.

Devido à sua participação no citado Terço, João Gonçalves recebeu, em data imprecisa, a patente de capitão. De acordo com as ordens de André de Mello e Castro, governador do Estado da Bahia na época, o conde de Galveas diz o seguinte:

[...] porquanto se faz preciso [...] criar de novo o posto de capitão do terço de Henrique Dias [...] pela presente elejo e nomeio [...] capitão da gente preta que servirá na conquista e descobrimentos do mestre de campo João da Silva Guimarães que Vossa Majestade teve por bem criar de novo na pessoa de João Gonçalves da Costa: preto forro³.

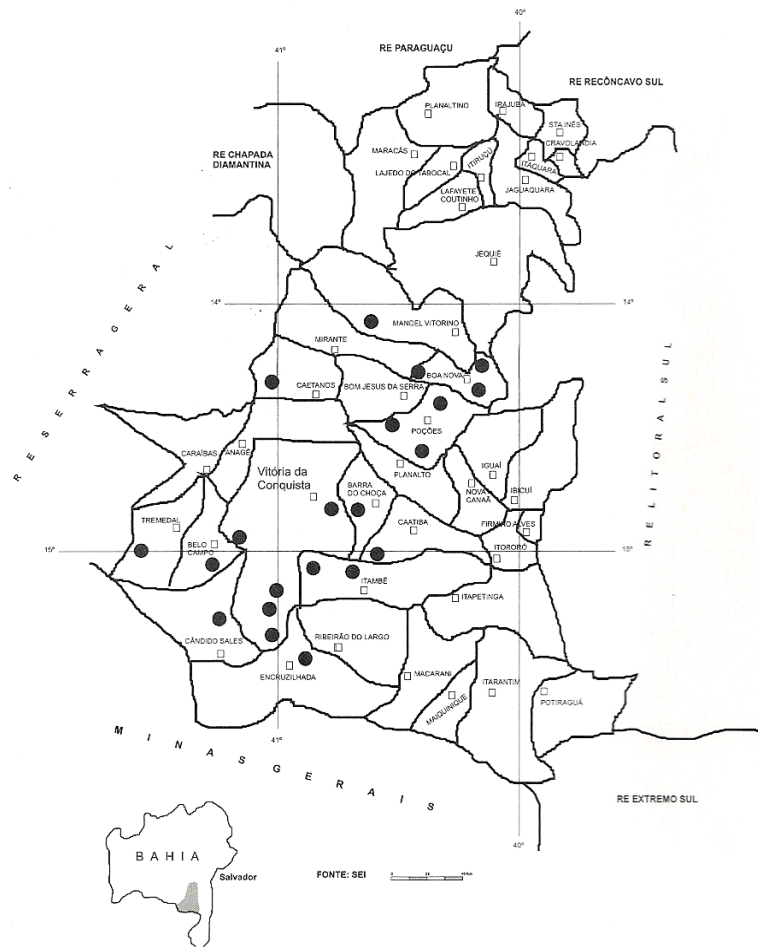
Outro indício de que João Gonçalves da Costa era descendente de africanos é que, mesmo antes da descoberta desse documento, na memória da população conquistense mais velha, essa era uma verdade. Os livros dos cronistas locais Aníbal Viana (1982) e Israel Orrico (1982)

¹ É provável que ao chegar à Região ele tenha encontrado índios e negros fugidos, como André da Rocha Pinto, em Brejo Grande (hoje Ituaçú), localidade vizinha ao Sertão da Ressaca. Para mais informações, ver NASCIMENTO (2007).

² É importante destacar que a atual região sudoeste da Bahia não corresponde em toda a sua extensão ao que era denominado Sertão da Ressaca. Essa denominação é válida somente para as cidades anteriormente citadas. O nome Ressaca, segundo Ruy Medeiros, é um termo de uso da geografia popular que significa “funda baía de mato circundada por serra”, expressão aplicada às terras existentes entre o Rio Pardo e o Rio das Contas. Ver MEDEIROS apud SOUSA (2001, p. 19).

³ Patentes e Alvarás do Governo (1738-1745). APEB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. 356 apud SOUSA (2001, p. 68).

pautados, em grande parte, nos relatos orais das pessoas mais antigas da cidade confirmam o fato. Segundo estes mesmos cronistas (VIANA, 1982; ORRICO, 1982; TANAJURA, 1992), todos os seus descendentes diretos (filhos e alguns netos) eram reconhecidamente mestiços, o que constitui mais uma evidência.



● Localização aproximada de algumas fazendas da família Gonçalves da Costa
(Fonte: Inventários/pesquisador Ruy Hermann A. Medeiros)

Fonte: SOUSA (2001)

Aparentemente, no intuito de branquear a sua descendência, João Gonçalves casou-se com Josefa da Costa, branca, nove anos de idade⁴,

⁴ Essa informação ainda não está plenamente confirmada, mas, segundo os dados de Maria Aparecida Sousa, dificilmente ela teria mais do que doze anos. Ver SOUSA (2001).

filha de um dos homens mais ricos da região de Rio de Contas, Mathias João da Costa. João Gonçalves nada herdara do espólio de seu sogro, provavelmente pelo dispositivo testamentário escrito por Mathias, segundo o qual, todos aqueles seus filhos “que se casarem com mulher e homem que não for branco e cristão” nada receberiam⁵.

Esse dispositivo é interessante porque confirma a ascendência africana de João Gonçalves e, noutro aspecto, não indica ausência de boas relações com seu sogro, pois, dificilmente, ele teria casado com a filha de um homem rico e poderoso da região de Rio de Contas, sem o consentimento do mesmo.

Mesmo sem a herança do sogro, João Gonçalves da Costa enriqueceu e se tornou o mais importante personagem da ocupação européia no Sertão da Ressaca. Com base na pesquisa de Ruy Medeiros, reproduzida em Sousa (2001), observamos que as propriedades desse grupo familiar se espalharam por uma vasta extensão de terra dessa região (ver ilustração da página anterior).

Em 1780, através de um ofício redigido em Lisboa, o ex-governador da Bahia, Manuel da Cunha Menezes, escreveu ao Secretário da Marinha e Ultramar, Martinho de Mello e Castro, sobre a Capitania dos Ilhéus, e, ao descrever João Gonçalves, salienta a existência de índios domésticos e alguns escravos ao seu lado:

[...] um homem com sua família, vivia nas cabeceiras da citada capitania, no sertão da ressaca, chamado João Gonçalves, o qual obrigando-se, não sei o motivo, por aquele deserto por dilatado tempo, não logrou ver fruto do seu trabalho, pois lhe roubavam os índios bravos e as onças que eram em grande número, mas como se lhe foram agregando alguns casos de índios domésticos e teve com que comprar alguns escravos; hoje tem no rancho mais de 60 pessoas e vivem sossegados das primeiras perturbações e rodeados das fazendas de gado com que fornecem os açougues da Vila de Jaguaripe, povoação de Nazareth e Aldeia, tendo a fazer dilatado caminho pra lhe introduzir os gados.⁶

Por volta do ano de 1817, o príncipe Maximiliano de Wied Neuwied, ao passar pela localidade, destaca o algodão e a criação de gado como os principais empreendimentos econômicos feitos tanto pelo João Gonçalves como pelo seu filho Antonio Dias de Miranda (NEUWIED apud VIANA, 1982, p. 24)

⁵ Documento apud SOUSA (2001).

⁶ Ofício do ex-governador da Bahia Manuel da Cunha Menezes para Martinho de Mello e Castro, sobre a Capitania dos Ilheos. Lisboa. 12 de agosto de 1780 (IVO, 2005). Sobre a presença escrava na região, ver artigo NASCIMENTO (2009).

O algodão parece ser o gênero agrícola com maior plantio na região. Desde finais do século XVIII já há referências ao seu cultivo na região vizinha que hoje corresponde às terras da atual cidade de Jequié. Um dos precursores de sua colonização, João de Sá Bittencourt Accioli, faz a seguinte consideração sobre suas atividades por volta do ano de 1799: “[...] e deu principio a um estabelecimento de plantação de algodão nas margens do rio de Contas, em lugar que o mais próximo vizinho lhe ficava a 20 léguas de distância comprando os terrenos ao conquistador capitão-mor João Gonçalves da Costa”⁷.

Accioli estava convencido de que o algodão era a resposta para as necessidades da região. Por volta do início do século XIX, ao “recolher-se” em sua fazenda, nas margens do Rio das Contas, continuou a desenvolver a cultura do algodão e “[...] instruindo e animando a todos os moradores de Conquista, hoje Vitória, a dedicarem-se a este ramo de cultivo” (REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1910 Apud VALADARES, 2006, p. 181). Entretanto, ao que parece, como destaca o príncipe Maximiliano, João Gonçalves dedicou-se sobretudo ao comércio de gado que, segundo o príncipe, era o negócio mais rentável naquela área do sertão (NEUWID Apud AGUIAR, 2007, p. 34).

Ao encontrar João Gonçalves na então fazenda Cachoeira, atual cidade de Manoel Vitorino, também sudoeste do Estado da Bahia, Maximiliano afirma: “Desejava vivamente travar conhecimento com esse homem, que foi o primeiro a abrir estradas praticáveis no ‘sertão’ e que combateu os índios de todas as bandas, pois esperava dele colher informações autênticas sobre a região” (NEUWIED apud VIANA, 1982, p. 31).

O príncipe não colheu “informações autênticas” sobre a região, mas uma “biografia” ditada pelo próprio João Gonçalves sobre suas atividades:

Na idade de 16 anos, seguia sua vocação, que era de conhecer terras distantes. Abandonou sua pátria, Portugal, e veio estabelecer-se no meio das montanhas selvagens do sertão da capitania da Bahia, onde se abria, às suas energias, um vasto campo de atividades para muitos anos (NEUWIED apud VIANA, 1982, p. 31).

O que segue a partir daí é uma narrativa em torno de sua valentia ao combater índios e onças. O príncipe Maximiliano em nenhum

⁷ Percebemos que ele inclui o Dias no sobrenome de João Gonçalves, talvez essa “confusão” tenha se dado porque um dos filhos de João Gonçalves tinha Dias no seu sobrenome (Antonio Dias de Miranda). (REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1910 Apud VALADARES, 2006, p. 180)

momento faz referência ao fato de João Gonçalves ser um descendente de africanos, um “preto-forro”; talvez a sua “bravura”, o fato de ter se casado com uma mulher “branca” e, principalmente, a riqueza que conseguira acumular o tenha embranquecido. Apenas em um momento ele menciona os negros e a relação deles com João Gonçalves:

Os negros, com as sua choças construídas em torno da habitação do senhor coronel João Gonçalves da Costa, na fazenda Cachoeira, formaram uma pequena aldeia, cuja situação nada tem de agradável, pois dela não se descortina sinão uma vista triste e inanimada, que me fez lembrar as pinturas de paisagens africanas⁸.

É também nesse período, início do século XIX, que ele obteve o reconhecimento público de parte da nobreza portuguesa, como podemos depreender num ofício de 1807, de autoria do governador Conde da Ponte para o Visconde de Anadia sobre a exploração das margens do Rio Pardo: “[...] não produz um século um homem do gênio deste capitão-mor, tem 80 e tantos anos e todas as suas paixões tendem a estas aberturas e descobertas, em que tem gasto o que é seu e arrisca freqüentemente a própria vida”.⁹

É provável que, em 1819, João Gonçalves veio a falecer na Fazenda Cachoeira, anteriormente relatada pelo príncipe Maximiliano (SOUZA, 2007, p. 137). Ao casar-se com Josefa, João Gonçalves teve oito filhos, todos mestiços¹⁰. Fora do casamento, porém, também teve um filho, Raymundo Gonçalves da Costa, que, segundo Viana (1982), Orrico (1982) e Tanajura (1992), teria sido fruto de um relacionamento com uma descendente cabo-verdiana, chamada Carlota (ORRICO, 1982, p. 86), “[...] como afirmam algumas pessoas mais idosas consultadas”, nos diz Viana (1982, p. 70).

Segundo Sousa (2001), Raymundo morava na Fazenda Morrinhos, que distava oito quilômetros da atual cidade de Poções, região da Imperial Vila da Vitória, e lá falecera em 1831. Era, ao que parece, um dos filhos “favoritos” do João Gonçalves da Costa, que elogiava a sua coragem no enfrentamento dos Botocudos, os mais aguerridos índios do

⁸ Príncipe Maximiliano de Wied Newied Apud VIANA (1982, p. 31).

⁹ Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXVIII, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, feito por ALMEIDA, Ed. de C. p. 455. Ofício do governador Conde da Ponte para o Visconde de Anadia, sobre a exploração das margens do Rio Pardo, pelo capitão-mor João Gonçalves da Costa. 31.03.1807.

¹⁰ São eles Antonio Dias de Miranda, João Dias de Miranda, Lourença Gonçalves Castelo, Joana Gonçalves da Costa, José Gonçalves da Costa, Faustina Gonçalves da Costa, Manuel Gonçalves da Costa e Maria Gonçalves da Costa.

Sertão da Ressaca. Tal qual o pai, Raymundo teve filhos ilegítimos com mulheres negras que receberam sua herança.

Um dos filhos de João Gonçalves da Costa, Antonio Dias de Miranda, casou-se com a viúva Lucinda de Uruba, que, com o casamento, passou a se chamar Lucinda Gonçalves da Costa e que já tinha alguns filhos, dentre eles Joaquim José Sampaio. Este, quando passou a morar com o padrasto e a mãe na fazenda Uruba, atual região da cidade de Poções, “à face dos altares”, ou seja, na Igreja, casou-se com uma ex-escrava de seu padrasto, chamada Bibiana, com quem teve sete filhos. Entretanto, ela fora casada com Cosme “de tal”, crioulo, também escravo de Antonio Dias de Miranda¹¹.

Nesse caso, temos um enteado que se envolve com uma escrava de seu padrasto, Bibiana; envolvimento ocorrido antes do falecimento do seu marido Cosme, quando ainda estava casada com ele, pois diz o próprio Joaquim em seu testamento: “[...] durante o tempo de seu primeiro marido teve ela e eu a fraqueza de ter três filhos”¹². Após a morte de Cosme, Bibiana e Joaquim tiveram mais quatro filhos¹³.

Segundo Sousa (2001), não se sabe por que Joaquim esperou tanto tempo para assumir a ex-escrava, pois, como “enteado do capitão-mor, que também era senhor da mãe de seus filhos, não precisaria esperar pela morte de Cosme para admitir um relacionamento que vinha de longa data” (SOUSA, 2001, p. 138).

Esse reconhecimento aconteceu somente em seu testamento, ao deixar escravos e bens para os seus filhos com a ex-escrava Bibiana:

[...] a meu filho Florindo Elias Sampaio um escravo africano de nome João [...] a meu filho João Álvaro [...] um moleque crioulo de nome Domingos [...] a minha filha Guilhermina [...] um escravo crioulo de nome Bernardo Machado [...] uma escrava de nome Luzia [...] a minha filha Maria [...] um escravo Francisco Cabra [...] a minha filha Domitília [...] o escravo Luis Africano [...] a escrava Basilda crioula [...] a minha filha Romoalda [...] o escravo Francisco Africano [...] a escrava Antonia Crioula [...] a minha filha Leopolda [...] o escravo felizardo crioulo.¹⁴

Vemos, assim, ex-escravos que recebem como herança outros escravos, os quais, provavelmente, viviam com eles. Bibiana tinha um filho

¹¹ Testamento de Joaquim José Sampaio, 1874. Caixa Diversos 1874. AFJM/BA.

¹² Foram filhos desse período: Florindo Elias Sampaio, João Álvaro Sampaio e Guilhermina Ferreira da Rocha.

¹³ Maria Joaquina da Encarnação, Domitília Maria da Conceição, Romoalda Maria do Espírito Santo e Leopolda Maria da Conceição.

¹⁴ Inventário de Joaquim José Sampaio, Caixa Inventários n. 12 (1871-1874). AFJM, Vitória da Conquista/BA .

com Cosme, de nome Serafim; mesmo sendo filho dela, continuou sendo cativo do mesmo Joaquim, seu padraсто. Apenas com a morte de Joaquim é que, por dispositivo testamentário, Serafim deveria ficar livre.

No testamento de Joaquim, percebemos que ele estava preocupado com a possibilidade de seus filhos não receberem a herança, pois afirma: “[...] e se por acaso, e se por minha infelicidade não poderem em direito herdar nas duas partes de meus bens os meus três filhos havidos com minha mulher no tempo do seu primeiro matrimonio serão estes exclusivamente herdeiros de minha terça”.¹⁵

O processo de partilha, aparentemente, se deu sem problema, e os filhos de Joaquim e Bibiana concordaram em alforriar, além de Serafim, outro escravo, Simão, que tinha entre 70 e 80 anos de idade. Como não está esclarecido o porquê da alforria, podemos fazer duas especulações: teria sido em decorrência da idade de Simão, ou Simão era parente dos filhos de Joaquim e Bibiana¹⁶.

Tia “emprestada” de Joaquim, Faustina Gonçalves da Costa foi uma das filhas de João Gonçalves da Costa que mais alcançou riqueza e prestígio. Segundo Viana (1982), “conforme narração de pessoas idosas que ouviram de seus antecessores”, Faustina era uma “bela mulata”. De seu casamento com o português Manoel de Oliveira Freitas teve três filhos: Tereza de Oliveira Freitas, Vitória de Oliveira Freitas e João de Oliveira Freitas.

O terceiro filho de Faustina e Manoel, João de Oliveira Freitas, casou-se inicialmente, com Maria Clemência do Amor Divino com quem teve cinco filhos¹⁷. Em data imprecisa separou-se de Maria Clemência, pois mantinha uma relação extraconjugal com a escrava Maria Bernarda¹⁸.

Foi feita uma partilha, na qual João doou um terço de seus bens (avaliados em doze contos de réis) para os seus filhos com Maria Bernarda. Segundo ele, pelo “[...] reconhecimento que devia fazer alguns benefícios aos filhos de Maria Bernarda criados por ele doador, lhes fizera doação aproveitando também o ensejo de dar a seus filhos legítimos

¹⁵ Idem

¹⁶ Outro escravo também é alforriado, Bernardo crioulo, de 62 anos. Entretanto, nesse caso, o escravo é quem compra a sua alforria.

¹⁷ Joana Maria de Oliveira, Jorge de Oliveira Freitas, Umbelina Maria de Oliveira, Joaquim de Oliveira Freitas e Isabel Maria de Oliveira.

¹⁸ Processo de insinuação a doação intervivos feito pelo capitão João de Oliveira Freitas, 1871. Caixa Diversos 1871, AFJM/BA.

com igualdade”.¹⁹ Percebemos nesse ato o reconhecimento dos filhos ilegítimos.

Para provar que doava os valores de livre e espontânea vontade, João de Oliveira Freitas registrou na justiça um “Processo de insimação a doação intervivos”, em que seus vizinhos Manoel Rodrigues de Oliveira Barbosa, Raimundo Ferreira de Alcântara e Thomaz de Aquino Lemos foram chamados a depor sobre a espontaneidade das doações. Todas as testemunhas disseram que ela foi feita espontaneamente e que o capitão ainda reservara a importância de “dezoito contos de réis” para a sua sobrevivência. A doação foi feita principalmente em escravos, como podemos ver no quadro a seguir.

Quadro 1

Filhos da ex-escrava Maria Bernarda	Escravos Recebidos
Higina	Dionísia, crioula de 12 anos
Inácio	Theofila, crioula de 11 anos
Rosa	Justina, crioula de 18 anos
Engracio	Marcelina, crioula de 2 anos
Euflosina (Fulo)	Martinha, crioula de 2 anos
Felismina	Maria Jeronina, crioula.
Martiniano	Roberta, crioula

Fonte: AFJM, Vitória da Conquista, BA, “Autos de partilha amigável e inventário procedida entre o capitão João de Oliveira Freitas e seus filhos”, Caixa Diversos, número 12 (1867).

Todos os filhos de Maria Bernarda receberam escravas, todas crioulas e com pouca idade. A análise dos documentos nos mostra que Maria Bernarda residia na Imperial Vila da Vitória e faz ao menos supor que João de Oliveira Freitas, mesmo casado com Maria Clemência do Amor Divino, teria comprado ou alugado uma casa para Maria Bernarda e seus filhos (também filhos dele).

João de Oliveira Freitas criou também um dispositivo para evitar a dispersão de seu espólio: “[...] e sendo que faleça algum destes herdeiros instituídos sem deixarem descendentes legítimos, não poderão os bens herdados passarem de mãos aos demais herdeiros já mencionados e nem a sua mão, e nem a mais filhos que esta tenha”.²⁰

Em 1872, com a morte de João de Oliveira Freitas, o seu testamento é cumprido. Nesse momento percebemos que alguns dos filhos de Maria Bernarda com João de Oliveira Freitas não estavam morando com a mãe, mas com Manoel Oliveira e Umbelina Maria de Oliveira, essa última,

¹⁹ Idem

²⁰ Testamento de João Oliveira Freitas, 1871. Caixa Diversos 1871, AFJM/BA

filha legítima do mesmo João de Oliveira Freitas e Maria Clemência, sua primeira mulher.

Manoel e Umbelina se tornaram tutores dos filhos de Maria Bernarda com João Freitas, o que nos leva a questionar se esse ato não seria uma forma de manter concentrada a riqueza da família ou, ainda, uma forma de Maria Bernarda, provavelmente, malvista pelos filhos de João e Maria Clemência, nada receber (mesmo indiretamente) do espólio de João Freitas. São questionamentos aos quais não podemos ainda responder.

Maria Bernarda não se manteve quieta e entraria, em 1882, com uma petição requerendo a emancipação de Rosa, filha dela com João Freitas. No Registro de Batismo de Rosa, podemos perceber as imbricadas teias familiares estabelecidas, pois os padrinhos dela eram Joana Maria de Oliveira e Vital Correia de Melo, respectivamente filha e cunhado de João de Oliveira Freitas.

Desse requerimento, o que posso presumir é que Maria Bernarda estava tentando deixar junto de si alguma herdeira, o que é obstado pelo tutor Joaquim Primo, filho legítimo de João Freitas, Maria Clemência e o meio irmão dos filhos de Maria Bernarda: “[...] a referida tutelada, além de ser paraplégica de todo o lado direito, em consequência de grave moléstia que sofreu na infância, é completamente desapisada e, conseqüentemente incapaz de administrar sua pessoa e bens”.²¹

O juiz deu ganho de causa a Joaquim Primo, mas as disputas em torno do controle dos bens herdados perduraram e em 1883, novamente, Maria Bernarda entrou na justiça com o pedido de emancipação para seu filho Engracio de Oliveira Freitas, com o qual a justiça concordou. Pelo documento apresentado, notamos que o padrinho de Engracio era o seu meio-irmão (filho de João Freitas e Maria Clemência). Ao que parece, todos os filhos de Maria Bernarda eram afilhados dos filhos legítimos de João Freitas e seus bens eram geridos por eles, em um processo que buscava evitar a descentralização da riqueza de Joaquim após a sua morte.

Euflosina, uma das filhas de Maria Bernarda, em 1871, recebeu de seu pai a escrava Martinha, crioula com dois anos de idade, vinte cabeças de gado, vinte mil réis, cinco éguas e vinte e cinco mil réis em terras e casa na fazenda Sanharó. Com esses bens, conseguiu ser figura de destaque na sociedade conquistense, tornando-se conhecida, por residir na região do Panela (atual Campo Formoso, zona rural de Vitória da Conquista), como Fulô do Panela.

²¹ Idem

Israel Orrico (1982), ao estudar as mulheres “que fizeram a História” da cidade, destaca a presença de Euflozina Maria de Oliveira, a “Fulô do Panela” que “[...] tinha a tez moreno escura, traços firmes e delicados, nariz fino, lábios sensuais bem desenhados, olhos ligeiramente arredondados e ardentes [...] nem mesmo os cabelos carapinha conseguem diminuir-lhe a beleza. Exalava sensualidade” (ORRICO, 1982, p. 169). Euflozina ganha notoriedade nessa obra, cujo autor mostra certa visão estereotipada, porque cedeu aos “apelos sexuais” de um dos mais importantes coronéis da cidade, o Coronel Gugé. Nas palavras de Orrico, “[...] aquele homem bravo, macho, guerreiro, de palavra jamais desmentida, dominava-a e domava os seus anseios de mulher” (ORRICO, 1982, p. 169).

Fulô é um exemplo de como as mestiçagens foram comuns na formação das famílias conquistenses²²: primeiro, casou-se com um descendente de português, Lázaro Viana, com quem teve dois filhos; depois, abandonada pelo marido, uniu-se ao comerciante italiano Francisco Pascoal, com quem teve um filho, que, entretanto, foi registrado por outro homem, segundo um dos netos de Fulô, em um dos depoimentos colhidos por Viana (1982), porque

[...] o Italiano, tomando a deliberação de retornar á Itália, queria levá-lo, ainda menino, o que não concordou minha avó, e então, para que isso não acontecesse, combinou com o professor Eusébio de Moraes, solteiro, para registrá-lo como seu filho, tendo o professor recebido até um presente de um terno de cassineta, fazenda fina e cara que só os homens ricos poderiam comprá-la, vindo desta forma o nome de meu pai Noé Moraes de Oliveira (VIANA, 1988, p. 400).

Esse depoimento colhido por Viana (1982) evidencia as “artimanhas” utilizadas por Fulô para não perder o seu filho, usando, inclusive, recursos financeiros para evitar que Noé saísse do país. Outro fato interessante a ser destacado é a sua união com um imigrante europeu.

Uniu-se, Fulô, posteriormente, ao Coronel José Fernandes de Oliveira Gugé (Coronel Gugé), futuro líder político de Vitória da Conquista, com quem teve dois filhos. Tempos depois, ela se casou legalmente com o português Alfredo Trindade, de quem absorveu o sobrenome e passou a se chamar Euflosina Maria de Oliveira Freitas Trindade.

²² Isso é também visível na região vizinha de Maracás. Ver NASCIMENTO; SANTOS (2009).



Euflosina Maria de Oliveira (Fulô do Panela).
Foto: VIANA, Anibal. *Revista Histórica de Conquista*. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, volume 1, 1982.

Ao receber a herança de seu pai, Fulô conseguiu em todos esses anos acumular riqueza e passou a ser proprietária de imóveis e de uma loja na Rua Monsenhor Olímpio, centro de Vitória da Conquista. Em 1906, Euflosina Maria de Oliveira foi responsável pela festa de Nossa Senhora das Vitórias junto com o Major Heminio da Silva Piau. A realização da festa foi marcada por uma série de tensões, como diz o Padre Manoel Olímpio Pereira no livro de Tombo da Igreja Matriz de Vitória da Conquista, no ano de 1906:

Uma pagina negra deveria ser escrita aqui neste dia em que se efetuou a procissão como encerramento da supra dita festa. Desde que chegou da minha viagem ao velho mundo encontrei uma certa indisposição [...] contra o meu companheiro Manuel Higino por motivo de práticas (?) contra o Espiritismo e o protestantismo, e no dia referido depois da procissão explodiu uma manifestação de desagrado contra o meu dito companheiro e contra mim que foi mesmo uma nota profundamente triste vergonhosa e indigna de se referir. Um grupo de pessoas exasperadas corriam as ruas a cavalo em gritos e urros pavorosos parecendo monstros possessos que vomitavam blasfêmias tremendas contra a Igreja, os Santos, a Virgem, a nós padres a quem ameaçavam de arrastar de casa para nos porem fora. Felizmente o povo tomou nossa defensiva, quando pacientes e resignados esperávamos o sacrifício repelindo a horda de tão terríveis agressores que envergonhados fugiram mas que dificilmente lavarão a lama que se [...] nodocaram

a sua terra com tal procedimento. Os que se exibiram em tal cena se dizem espíritas e protestantes.²³

Fulô não se manteria quieta diante desses enfrentamentos entre católicos e protestantes. Segundo Israel Orrico, ela “[...] assegurou peremptoriamente, ao pastor dessa igreja que ela não deixaria fundá-la aqui” (ORRICO, 1982, p. 100). De acordo com Aguiar (2007), essa teria sido a razão para se acreditar que Fulô fosse a responsável por mandar pichar, durante a noite, as portas da casa dos batistas com uma cruz preta.

Euflosina também foi uma das figuras centrais de alguns acontecimentos importantes da cidade, tais como a briga entre católicos e protestantes e a luta armada, em 1919²⁴, entre os grupos políticos “meletes” e “peduros”, em que foi uma das responsáveis pela solução dos conflitos. Sobre esse fato, diz Belarmino Souza (1999): “O desfecho foi antecipado pela intervenção das senhoras Laudicéia Gusmão, Henriqueta Prates, Joana Angélica e Euflosina Maria de Oliveira, respeitadas matriarcas de famílias formadoras da endogamia conquistense” (SOUZA, 1999, p. 117-118).

Em 1920, Euflosina Maria de Oliveira Faria Freitas também faria parte do “Comitê de Caridade”, que, segundo Itamar Aguiar (2007), era composto por pessoas da “alta sociedade” (AGUIAR, 2007, p. 62). Ela faleceu em 30 de novembro de 1935, fato que foi destaque da edição de 6 de novembro de 1935 do Jornal “O Labor”:

Vítima de cruéis padecimentos causados por moléstia que zombou a ciência médica, faleceu nesta cidade no dia 30 próximo passado (Outubro) a senhora D. Euflosina de Oliveira Freitas Trindade contando com idade de 72 anos. D. Euflosina era uma das mais estimadas matronas de conquista, deixa uma lacuna impreenchível no seio da família conquistense (O Labor apud VIANA, 1982, p. 401).

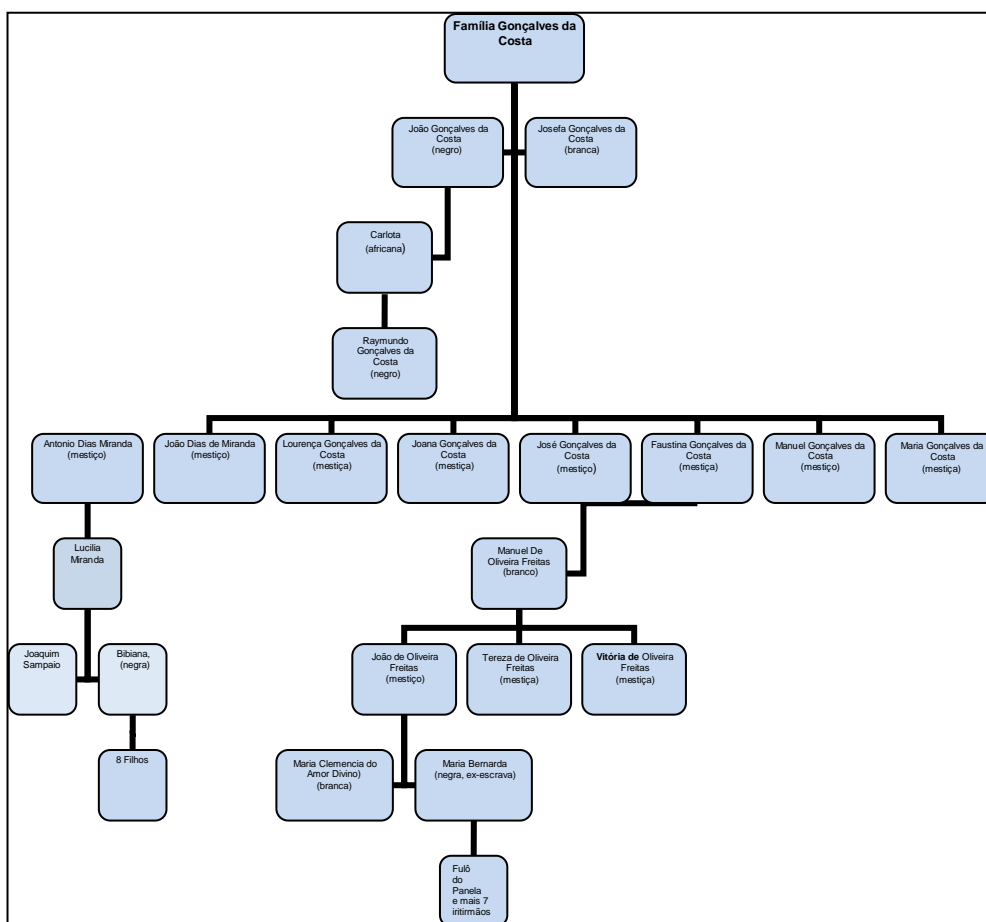
Fulô é tida como uma das mais “estimadas matronas de conquista”, por isso sua morte deixava “uma lacuna impreenchível no seio da família conquistense”. As razões para o prestígio de Fulô, provavelmente, estavam ligadas à riqueza que conseguira acumular ao longo dos anos, à sua ligação e defesa intransigente da religião católica, além de ter sido uma parceira muito requisitada na região.

²³ Livro de Tombo, 18 de dezembro de 1906. Arquivo da Igreja Matriz de Vitória da Conquista

²⁴ Para uma discussão maior sobre essa questão, ver AGUIAR (2007).

De acordo com o que vimos, a família Gonçalves da Costa e suas inter-relações foram sempre marcadas por casamentos inter-raciais. Vejamos a genealogia dessa família:

Genealogia da família Gonçalves da Costa



O processo que envolve a família Gonçalves da Costa mostra que esta família, a mais importante para a formação da cidade e da região de Vitória da Conquista, foi composta majoritariamente por negros e mestiços. Segundo Belarmino Souza (1999), caberia a ela a formação da endogamia conquistense que assumiu a administração político-econômica do município do século XVIII ao século XX, principalmente depois da “fusão” com a família Fernandes de Oliveira, em razão do

casamento de Faustina com Manuel de Oliveira Freitas. Um descendente de João Gonçalves da Costa, o engenheiro civil José Fernandes Pedral Sampaio, foi prefeito de Vitória da Conquista por dois mandatos em 1963 e 1982.

A existência desta endogamia composta por negros e mestiços não passou despercebida pelos cronistas locais, como constata Viana:

[...] os grande líderes de Conquista no passado, José Fernandes de Oliveira Gugé, Pompílio Nunes Oliveira, José Maximiliano Fernandes Oliveira, o filólogo José de Sá Nunes, o jornalista Bruno Bacelar de Oliveira, o poeta Manuel Fernandes de Oliveira (Maneca Grosso) e o engenheiro civil José Pedral Sampaio [...] são descendentes de Faustina da Costa, que era mulher de cor casada com branco europeu de “olhos de gato” (VIANA, 1982, p. 582).

Já Tanajura faz a seguinte observação: “daí se notar o sangue da raça negra misturado com o sangue do branco de olhos azuis na fisionomia amulatada de muitos conquistenses que tiveram papel de relevo na comunidade” (TANAJURA, 1992, p. 57).

Por fim, é possível notar que a história da região Sudoeste é marcada pela constituição de uma elite local mestiça, que nunca perdeu o poder. Esses descendentes de africanos (a começar por João Gonçalves da Costa), ao longo do tempo, adquiriram terras e escravos igualmente negros ou mestiços e transmitiram seus bens, em alguns casos, para seus filhos bastardos. Dessa forma, percebemos que não foram os “brancos”, mas sim os “pretos”, negros e mestiços, os responsáveis pela constituição de uma elite local e pelo próprio processo de formação do Sertão da Ressaca.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Do púlpito ao baquiço: religiões e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca**. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica (Tese de Doutorado), São Paulo, 2007.

IVO, Isnara Pereira. “A conquista do sertão da Bahia no século XVIII: mediação cultural e aventura de um preto-forro no Império Português”. In. **XXIII Simpósio Nacional de História. História: Guerra e Paz**, 2005, Londrina. Anais Suplementares do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina PR: Cd-room Anais XXIII Simpósio Nacional de História, 2005. v. 1.

MATTOS, Hebe. “Henrique Dias: expansão e limites da justiça distributiva no Império Português”. VAINFAS, Ronaldo, SANTOS, Georgina Silva dos e SANTOS, Guilherme Pereira das Neves. (Org.). **Retratos do Império - Trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX**. 1 ed. Niterói: Eduff, 2006. p. 29-46.

NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)**. Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 2008.

_____. “Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876-1888)”. **Revista Afro-Asia (UFBA)**, v. 35, pp. 220-240, 2007

NASCIMENTO, Washington Santos e SANTOS, Ocerlan Ferreira. A vida escrava na Imperial Vila da Vitória nos últimos anos da escravidão (1870 – 1888). **Politéia: História e Sociedade**, n. 9, volume 2. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2009.

_____. Viver e morrer no sertão baiano: dimensões da vida negra em Maracás/BA (1877-1887). **Cadernos de história (UFOP. Mariana)**, v. 07, p. 101-114, 2009.

SOUSA, Maria Aparecida Silva. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2001

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Arreios, Currais e Porteiras - Uma Leitura da Vida Política em Conquista na Primeira República**. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

ORRICO, Israel Araújo. **Mulheres que fizeram História em Conquista**. Feira de Santana, Bahia Artes Gráficas, 1982

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista: crônica de uma cidade**, Vitória da Conquista, Brasil Artes Gráficas, 1992.

VALADARES, Virginia Maria Trindade. “José de Sá Bittencourt Acioli e sua participação na Conjuração Mineira e Independência do Brasil”. In

VAINFAS, Ronaldo, SANTOS, Georgina Silva dos e SANTOS, Guilherme Pereira das Neves. (Org.). **Retratos do Império** - Trajetórias individuais no mundo português nos séculos XVI a XIX. 1 ed. Niterói: Eduff, 2006, v. 1, pp. 177-186

VIANA, Aníbal. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, volume 1, 1982.